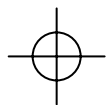


4

Considerações Finais**Coda**

Os estudos e análises relacionados à música e ao som em geral, passando pela inclusive pela Física, parecem concordar que, para haver um evento sonoro qualquer – seja canção, opus, peça, movimento, instalação, *landscape*, etc. – é necessário, no mínimo, que esse mesmo evento seja composto por três partes:

1, vibração; 2, inscrição; 3, transmissão ou difusão.¹

A vibração seria o motor inicial, aquilo que torna possível, materialmente, efetivamente, qualquer possibilidade de lidar com a coisa; aquilo torna presente a realidade ontológica de um objeto sonoro; o desejo do som.

A inscrição diz respeito a uma conjunto lexical, sintático e semântico de estabelecer relações possíveis e comunicá-las em forma de língua, tanto faz se em partitura, em cartões perfurados, em cera e vinil, ou em dados digitais. Em todos esses meios, não deixa nunca de ser uma espécie de língua ou linguagem (em música e arte sonora, aliás, reside um bom exemplo de onde essas duas noções se confundem), constituída por um sistema simbólico e analítico, feito à mão ou aparelhado tecnologicamente.

Por fim, a transmissão ou difusão, seria o resultado disso tudo, a interpretação desses dois momentos anteriores, a leitura em voz alta desses textos, subtextos e intertextos, passando pela vontade, pela estratégia e pela capacidade do intérprete, ou da situação interpretativa. Respeitando suas particularidades, é o caso tanto de uma orquestra, quanto de uma vitrola ou de um conjunto de possibilidades cruzadas presentes numa galeria.

Esta dissertação tem as suas três partes inspiradas nesse debate: primeiro o desejo motor, que leva à inscrição de uma análise, e acaba pela difusão dos resultados gerados neste intérprete.

¹ Sobre este debate, o trabalho de Cutz é uma responsável compilação. Cutz, Ricardo. *Arte sonora. Entre a plasticidade e a sonoridade. Um estudo de caso e pequena perspectiva histórica*. 2008.